

MEMÓRIA

MOACYR SCLIAR *

Estava Stalin discursando para o Congresso do Partido Comunista quando, no imenso auditório lotado, ouviu-se um espirro. Quem espirrou, perguntou Stalin. Silêncio sepulcral. O premiê então ordenou aos guardas que ali estavam:

– Levem os que estão na primeira fila para fora e fuzilem-nos.

O que foi feito. Stalin então tornou a perguntar quem tinha espirrado; ninguém se identificou, e mais uma fila foi fuzilada – e outra, e outra, e outra. Por fim, já na penúltima fila, levantou-se um homenzinho, trêmulo:

– Fui eu quem espirrei, camarada Stalin.

– Ah, bom - disse Stalin. – Saúde, camarada.

Essa historinha apócrifa é exagerada, mas dá uma idéia do que foi a União Soviética ao tempo de Josef Stalin, cujo quinquagésimo aniversário de morte ocorreu na última quinta. Nascido em 1879, Josef Djughashvili estava destinado a ser sacerdote, mas optou pela política, aderindo aos bolcheviques de Lenin. Sem o talento desse (ou de Trotsky), mas com a determinação implícita em seu nome de guerra (Stalin quer dizer “homem de aço”) e sempre agindo nos bastidores, ele foi subindo na hierarquia bolchevique, tornando-se secretário-geral do partido e preenchendo todos os cargos com gente de sua confiança. Quando Lenin morreu, em 1924, teve de disputar a liderança com Trotsky – que foi derrotado, banido e, anos depois, assassinado no México. A isso seguiu-se um expurgo gigantesco (1924-1929), que resultou na eliminação de praticamente todos os potenciais adversários e lhe deu poder para estabelecer uma política econômica que, no campo, traduziu-se pela coletivização forçada da agricultura. Os inimigos agora eram os kulaks, proprietários rurais, dos quais cerca de 5 milhões foram mortos ou morreram de inanição. Essa coletivização, entre parênteses, resultou num formidável fracasso. Conta-se que, visitando uma fazenda coletiva, Stalin foi recebido pelo diretor, a quem perguntou como estava a colheita. As batatas formarão uma pilha que chegará aos pés de Deus, foi a resposta.

– Mas camarada – disse Stalin – Deus não existe.

– Nem as batatas – replicou o homem.

Na indústria, o objetivo era alcançar as metas dos chamados Planos Quinquenais, para o que havia estímulos – ou, no caso de fracasso, castigos severos. Simultaneamente continuavam os expurgos políticos: de 1934 a 1938 pelo menos 7 milhões de pessoas desapareceram, a maioria delas nos campos de concentração – o Gulag. Artistas, escritores, cientistas tinham agora de trabalhar para o triunfo do stalinismo. Na arte e na literatura, isso se expressava no chamado realismo socialista, que não passava de propaganda, uma tendência que se estendeu aos comunistas em todo o mundo e à qual Jorge Amado pagou pesado tributo. A própria História era alterada: nomes desapareciam dos livros-textos, fotografias eram retocadas de modo a apagar os inimigos (hoje, com computador, seria mais fácil). Stalin era glorificado no que ficou conhecido como culto da personalidade e que serviu de modelo para ditadores em todo o mundo (Saddam Hussein é disso um exemplo atual). Houve, porém, um momento em que esse comando autoritário, centralizado, foi importante para o mundo: na II Guerra Mundial. Depois de tentar aliar-se a Hitler, Stalin tornou-se seu inimigo. A Rússia invadida resistiu bravamente – Stalingrado foi um turning point no conflito – e essa resistência revelou-se decisiva para a vitória dos aliados.

O stalinismo baseava-se em duas sinistras premissas. A primeira: é melhor uma mentira “progressista” do que uma verdade “reacionária”. A segunda: como os meios justificam os fins, pode-se sacrificar vidas para que outras vidas – teoricamente – venham a se beneficiar, o que se constatou na mais cruel, e mais falha, matemática da História.

Em 1956, no 20º Congresso do Partido Comunista da



O culto da personalidade: cidadão da Geórgia mantém retrato de Stalin

Batatas aos pés de Deus

Completaram-se na última quinta os 50 anos da morte de Josef Stalin. O líder soviético teve entre suas sinistras premissas a de que até vale sacrificar algumas vidas em benefício de outras

União Soviética, Nikita Krushchev denunciou os crimes de Stalin, iniciando um processo que, com avanços e recuos, culminaria na Perestroika e, depois, no fim do próprio comunismo. O que, por sua vez, deu lugar a uma forma extremamente selvagem de capitalismo, com máfias e bandos controlando a economia. Uma fase da qual a ex-União Soviética ainda não se recuperou e que explica os resultados de uma recente enquête de opinião realizada entre os russos: 45% deles tinham uma imagem positiva do ditador e só 38% viam-no como uma figura negativa. Saudades da ditadura? Certamente não. Saudades de um Estado forte, protetor, talvez. Conciliar o amparo social e os direitos da cidadania com a economia de mercado continua sendo um desafio, para a solução do qual os erros do passado podem ensinar muito. Especialmente aquele gigantesco erro, e crime, chamado stalinismo.

* Escritor, colunista de ZH, autor de, entre outros livros, *A Mulher que Escreveu a Bíblia*

LANÇAMENTOS



Genes, Povos e Línguas – O pesquisador italiano Luigi Luca Cavalli-Sforza afirma neste livro que existe uma intimidade entre o material genético e a cultura, e aponta para um profundo questionamento do conceito de raça. Procura demonstrar que adaptações biológicas e culturais se entrecruzam, o que permitiria concluir que as diferenças genéticas entre povos são superficiais e que o racismo poderia ser cientificamente desvelado e combatido. Desde a década de 1950, quando começou a estudar o assunto na Universidade de Parma, Sforza almeja reconstruir a história da evolução humana utilizando dados genéticos de populações vivas. Companhia das Letras, 296 páginas, R\$ 36.



Vai Chover no Fim de Semana? – Este livro do astrônomo Ronaldo Rogério de F. Mourão apresenta elementos que permitem prever as condições do tempo com alguma exatidão. Trata, numa linguagem acessível, da evolução da ciência meteorológica e aborda temas como as aparentes alterações climáticas no planeta e os fenômenos que se originaram na sociedade pós-industrial. Traz ainda dados sobre situações extremas do clima, além de informações sobre a profissão de meteorologista. Mourão é doutor em Ciências pela Universidade de Paris e fundou o Museu de Astronomia e Ciências Afins do Rio de Janeiro. Manteve, no jornal O Globo, uma coluna sobre previsão do tempo. Editora Unisinos, 120 páginas, R\$ 11.



Cultura e Razão Prática – Marshall Sahlins propõe neste livro uma crítica à idéia de que as culturas humanas são formuladas a partir de atividades práticas e interesses utilitários. A avaliação de um século de pensamento antropológico o leva a defender a interpretação simbólica da cultura além do mero utilitarismo. Publicado originalmente em 1979, o volume influenciou diversos autores e linhas de pesquisa acadêmica. Interdisciplinar, aborda questões relacionadas à Antropologia, à História, à Sociologia e à Economia. Sahlins é doutor em Antropologia e leciona na Universidade de Chicago. Jorge Zahar Editor, 232 páginas, R\$ 26.